



<http://dx.doi.org/10.15448/1984-4301.2024.1.46086>

## DOSSIÊ CONTRADISCURSOS DE RESISTÊNCIA

**Reações sociodiscursivas verbais em comentários de usuárias do Facebook sobre identidades da comunidade LGBTQIAPN+**

*Verbal sociodiscursive representations in comments by Facebook users about identities of the LGBTQIAPN+ community*

*Reacciones verbales sociodiscursivas en comentarios de usuarias de Facebook sobre identidades de la comunidad LGBTQIAPN+*

**José Wilker Machado Quaresma<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0001-5651-0112](https://orcid.org/0000-0001-5651-0112)  
[wilkermq@gmail.com](mailto:wilkermq@gmail.com)

**Rosângela do Socorro Nogueira de Sousa<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0003-0429-9700](https://orcid.org/0000-0003-0429-9700)  
[rsns@ufpa.br](mailto:rsns@ufpa.br)

**Recebido em:** 24 abr. 2024.

**Aprovado em:** 08 out. 2024.

**Publicado em:** 05 dez. 2024.

**Resumo:** A presente pesquisa objetiva discutir o teor das representações sociodiscursivas acerca das identidades da comunidade LGBTQIAPN+ em comentários de usuárias do Facebook. Para tanto, buscou-se identificar os tipos de reações sociodiscursivas (Gomes, 2022) que são evidenciadas nos comentários, verificar como essas reações são estruturadas, bem como refletir sobre os possíveis impactos das construções discursivas sobre o reconhecimento das identidades de gênero e orientações sexuais. A pesquisa está embasada em uma abordagem qualitativa constituída de referencial teórico acerca de conceitos referentes às identidades e à linguagem, além de pesquisa documental, visto que o *corpus* da pesquisa inclui conteúdo oriundo do Facebook: a transcrição de um vídeo postado na página Quebrando O Tabu, um texto publicado na página Diário Online DOL e comentários de usuárias nas duas postagens. Os dados coletados foram analisados sob a perspectiva da análise de discurso crítica (ADC) proposta por Fairclough (2019). Os resultados evidenciam ocorrências de *reação sociodiscursiva de crítica* à sigla LGBTQIAPN+ e à modificação das normas gramaticais; de *apreciação* negativa das identidades trans não binárias ao defini-las como confusas e incompreensíveis; de *condenação* a desvios normativos de gênero; e de *engajamento* contradiscursivo ao reconhecer as nuances e necessidades específicas da comunidade LGBTQIAPN+.

**Palavras-chave:** linguagem; identidade LGBTQIAPN+; Facebook; análise crítica do discurso.

**Abstract:** This research aims to discuss the content of socio-discursive representations about the identities of the LGBTQIAPN+ community in comments from Facebook users. To this end, we sought to identify the types of socio-discursive reactions (Gomes, 2022) that are evidenced in the comments, verify how these reactions are structured, as well as reflect on the possible impacts of discursive constructions on the recognition of gender identities and sexual orientations. The research is based on a qualitative approach consisting of a theoretical framework about concepts relating to identities and language, in addition to documentary research, as the research corpus includes content from Facebook: the transcription of a video posted on the Quebrando O Tabu page, a text published on the DOL Online Diary page and user comments on the two posts. The data collected was analyzed from the perspective of Critical Discourse Analysis (CDA) proposed by Fairclough (2019). The results show occurrences of socio-discursive reaction of criticism to the acronym LGBTQIAPN+ and the modification of grammatical norms; of negative appreciation of non-binary trans identities by defining them as confusing and incomprehensible; condemning normative gender deviations; and of counter-discursive engagement by recognizing the specific nuances and needs of the LGBTQIAPN+ community.

**Keywords:** Language; LGBTQIAPN+ Identity; Facebook; Critical Discourse Analysis.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Universidade Federal do Pará, Abaetetuba, Pará, Brasil.

**Resumen:** Esta investigación tiene como objetivo discutir el contenido de las representaciones sociodiscursivas sobre las identidades de la comunidad LGBTQIAPN+ en comentarios de usuarias de Facebook. Para ello, buscamos identificar los tipos de reacciones sociodiscursivas (Gomes, 2022) que se evidencian en los comentarios, verificar cómo se estructuran estas reacciones, así como reflexionar sobre los posibles impactos de las construcciones discursivas en el reconocimiento de las identidades de género y orientaciones sexuales. La investigación se basa en un enfoque cualitativo que consiste en un marco teórico sobre conceptos relacionados con las identidades y el lenguaje, además de una investigación documental, ya que el corpus de investigación incluye contenido de *Facebook*: la transcripción de un video publicado en la página Quebrando O Tabu, un texto publicado en la página del Diario en línea del DOL y comentarios de las usuarias en las dos publicaciones. Los datos recopilados fueron analizados desde la perspectiva del Análisis Crítico del Discurso (CDA) propuesta por Fairclough (2019). Los resultados muestran ocurrencias de reacción sociodiscursiva de crítica a la sigla LGBTQIAPN+ y la modificación de normas gramaticales; de apreciación negativa de las identidades trans no binarias al definir las como confusas e incomprensibles; condenar las desviaciones normativas de género; y de compromiso contradiscursivo al reconocer los matices y necesidades específicos de la comunidad LGBTQIAPN+.

**Palabras clave:** lenguaje; identidad LGBTQIAPN+; Facebook; análisis crítico del discurso.

## Considerações iniciais

*A linguagem esforça-se em sustentar a ordem e negar ou suprimir o acaso e a contingência. Um mundo ordeiro é um mundo no qual "a gente sabe como ir adiante". [...] A ambivalência confunde o cálculo dos eventos e a relevância dos padrões de ação memorizados*  
(Bauman, 1999).

As formas de ser e existir no mundo são confundidas pela ambivalência que tensiona a suposta fixidez dos padrões de gênero homem/mulher, na sexualidade heterossexual/homossexual ou, ainda, na oposição amigo/inimigo. No contexto das práticas sociais, de forma experiencial, evidenciam-se outras possibilidades, as quais desconfiguram o ordenamento estabelecido, como ocorre no caso das pautas identitárias

da comunidade LGBTQIAPN+<sup>2</sup>, a exemplo das nomenclaturas e pronomes de tratamento para se referir às pessoas que fazem parte dessa comunidade.

Diante do contexto das redes sociais, frequentemente surgem debates acerca das identidades relacionadas ao gênero e à sexualidade dos sujeitos, principalmente quando esses fatores se desassociam dos padrões binários estabelecidos. Tendo em vista isso, a presente pesquisa objetiva discutir o teor das representações sociodiscursivas acerca das identidades da comunidade LGBTQIAPN+ em comentários de usuárias<sup>3</sup> do Facebook. Para tanto, buscou-se identificar os tipos de reações sociodiscursivas (Gomes, 2022) que são evidenciadas nos comentários dessas usuárias, verificar como essas reações são estruturadas, bem como refletir sobre os possíveis impactos das construções discursivas sobre o reconhecimento das identidades de gênero e sexuais.

A pesquisa está embasada em uma abordagem qualitativa constituída em uma primeira etapa de uma discussão teórica embasada em Appiah (2016) e em conceitos como *ambivalência* (Bauman, 1999), *poder simbólico*, *habitus e campo* (Bourdieu, 1989), bem como de reflexões oriundas da Teoria *Queer* (Butler, 2010; Colling, 2020; Louro, 2012), os quais contribuem para a compreensão sobre a constituição fluida das identidades. Posteriormente, foi realizada análise documental, visto que o *corpus* da pesquisa é composto por dois conteúdos publicados no Facebook: um deles, em formato de vídeo, o qual foi transcrito; o outro, em forma de texto e imagens – além de comentários de usuárias nessas duas publicações.

Os dados foram analisados sob a perspectiva da análise de discurso crítica (ADC) de Fairclough (2019), que propõe uma análise do discurso textualmente orientada (ADTO). Para a descrição dos comentários, foram utilizadas as categorias de *reações sociodiscursivas verbais* (Gomes, 2022),

<sup>2</sup> A sigla LGBTQIAPN+ refere-se a pessoas Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Polí, Não Binárias e demais categorias identitárias não normativas.

<sup>3</sup> Optamos por utilizar o feminino genérico para a identificação das pessoas por reconhecermos que outras identidades de gênero devem ser representadas em um âmbito que tradicionalmente tem sido dominado por uma linguagem masculinizada.

partindo da compreensão de reação como movimento dialógico incentivado por outra manifestação discursiva, nesse caso, motivadas por temas, assuntos e fatos abordados nas publicações de páginas do Facebook.

O artigo está organizado em cinco seções. Na primeira, discorre-se sobre aspectos inerentes à construção das identidades. Na segunda seção, são realizados apontamentos de como a violência simbólica ocorre em discursos nas redes sociais acerca de identidades de gênero e sexuais dissidentes. Na terceira seção, discute-se como comentários de usuárias do Facebook evidenciam reações sociodiscursivas diversas e contradiscursivas. Na quarta seção, são realizadas as análises e discussões sobre as representações sociodiscursivas em comentários de usuárias do Facebook acerca das identidades da comunidade LGBTQIAPN+. Na quinta e última seção, são realizadas as considerações finais.

### 1 As estruturas sociais e as performances no processo de constituição das identidades

Mesmo diante da divergência entre os resultados de alguns estudos que objetivam compreender e conceituar o que é identidade, é possível verificar em Appiah (2016), Bauman (1999), Bourdieu (1989), Giddens (2002), e em questionamentos da Teoria *Queer* (Butler, 2010; Colling, 2020; Louro, 2012), pontos de concordância em fatores que são inerentes à constituição das identidades, considerando a influência das relações de poder nesse processo e as possibilidades de questionamento das normas.

Diante do conceito de *habitus*, postulado por Bourdieu (1989), a identidade e a linguagem, dentre outros elementos que compõem as práticas sociais, são consideradas como resultados ambivalentes de "estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes", que podem, em certo nível, influenciar essas práticas, porém "sem ser o produto da obediência a regras" (Bourdieu, 1989, p. 61); logo, entende-se que, para o autor, os sujeitos possuem relativa autonomia para ser e agir no mundo.

Essa relativa autonomia se dá, segundo o autor, pelo fato de que as práticas sociais são influenciadas em algum nível pelo *campo*, compreendido como o espaço social onde se desenvolvem essas práticas, as quais podem estar ligadas a relações de poder. É nesse contexto que o indivíduo age e se expressa, ao mesmo tempo que é influenciado pelas regras e estruturas existentes (Bourdieu, 1989, p. 114).

Ao elucidar sobre as "estruturas estruturantes" que constituem o *habitus*, Bourdieu (1989) enfatizou o caráter dialético e dinâmico da relação entre o agente e a estrutura. É nesse ponto que a ideia de *retroestrutura* pode ser vista como uma extensão ou releitura de sua teoria, se considerarmos a noção de retroalimentação, pois, ainda que Bourdieu não tenha utilizado o termo *retroestrutura*, sua teoria já contém em si o embrião de um conceito que destaca o caráter contínuo, recíproco e circular da construção social.

Para Appiah (2016), identidades sociais exigem rótulos, os quais, mesmo que não possam ser eliminados, podem estar em circulação ao mesmo tempo, bem como ser substituídos uns pelos outros ao longo do tempo. Ademais, para o autor, as identidades caracterizam-se em três aspectos: "como *nominais*, *normativas* e *subjetivas*, traços que explicam por que hoje em dia costumamos nos referir a elas como socialmente construídas" (Appiah, 2016, p. 19-20), ou seja, são rotuladas socialmente (nominais), sofrem influência das normas sociais (normativas) e são vividas de forma única por cada pessoa (subjetivas).

Decerto, são inúmeros os fatores que contribuem para a construção de novas identidades. Bauman (1999) destaca a importância da tecnologia e da globalização nesse processo. De acordo com ele, "o mundo humano jamais será novamente como foi antes da ascensão da tecnologia" (Bauman, 1999, p. 239); assim, elucidada sobre como a tecnologia gera influências socioculturais, ampliando as perspectivas e os valores nem sempre de forma positiva, mas também contribui para o questionamento e (re) construção das identidades.

Somando-se a esses fatores, de acordo com

Giddens (2002), as identidades individuais são construídas devido a uma série de autoidentidades reflexivas, sendo as transformações na autoidentidade e a globalização os dois polos da dialética do local e do global nas condições da alta modernidade. Assim, para o autor, as mudanças em aspectos íntimos da vida pessoal estão diretamente ligadas ao estabelecimento de conexões sociais de grande amplitude (Giddens, 2002, p. 38).

Ademais, Bauman (1999, p. 170) elucida que a ambivalência presente na modernidade possibilita a coexistência de múltiplas identidades no indivíduo, cada uma com suas próprias características e valores, discorrendo sobre o reconhecimento não apenas do "preto, mas todas as cores agora são bonitas e têm permissão de exibir juntas a sua beleza, embora cada tipo de beleza seja diferente do outro".

Esse autor destaca ainda que não se trata de "[...] uma *coalizão* em arco-íris, mas certamente é um arco-íris de *coexistência*. E assim também uma cultura múltipla, polissêmica, tipo arco-íris, desavergonhadamente ambígua, reticente em fazer julgamentos, por força tolerante com os outros porque, finalmente, é tolerante consigo mesma" (Bauman, 1999, p. 170). Decerto, essa percepção de tolerância da diversidade é desarticulada por outras perspectivas teóricas, como, por exemplo, a Teoria *Queer*, mas apresenta indícios da necessidade de valorização das diferentes identidades.

Em se tratando da Teoria *Queer*, essa abordagem desafia a compreensão convencional das identidades ao propor que gênero e sexualidade são construções performativas e não essências fixas. Segundo Butler (2010, p. 33), "não existe uma identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é performativamente constituída pelas próprias expressões que são ditas como seus resultados", ou seja, as expressões de gênero podem ser realizadas de maneira diferente, fora das normas tradicionais cis-heteronormativas.

Esse conceito de *performatividade* em certa

medida tensiona o conceito bourdieusiano de *habitus*<sup>4</sup>, visto que, para o autor, apenas nos momentos de crise do *habitus*, as quais são raras e dependem de transformações sociais maiores, as práticas podem ser reavaliadas e transformadas (Bourdieu, 2001). No entanto, para Butler (2010), a contestação pode ocorrer a qualquer momento, pois pequenos atos de resistência ou desvio podem, ao longo do tempo, desestabilizar as normas e abrir novas possibilidades para a construção de identidades e corpos fora das normas binárias tradicionais.

Logo, se o gênero é uma fabricação, Butler (2010) defende que as identidades de gênero não podem ser verdadeiras nem falsas, apenas produções de um discurso sobre a identidade, do mesmo modo o "próprio construto chamado 'sexo' seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero se revela absolutamente nenhuma" (Butler, 2010, p. 25). Assim, o processo desconstrutivo permite perturbar e ampliar a compreensão essencialista sobre as identidades de gênero e orientação sexual definidas pelo sexo biológico como conceitos distintos que podem ocorrer de diversas formas.

Assim como Butler, outras autoras e autores da Teoria *Queer* destacam seu caráter questionador. Para Louro (2012, p. 364), essa teoria é "defendida por grupos que [...] ousam subverter modos de vida e noções consagradas", o que inclui a fixidez das identidades dissidentes. Além disso, tais estudos sugerem que a heterossexualidade não é um fenômeno natural, mas uma imposição social, pois, segundo Colling (2020, p. 123), "se a heterossexualidade fosse um dado exclusivo da natureza, por que seria tão necessário vigiar os corpos e comportamentos de nossas crianças para que todas sejam heterossexuais?"

Diante dos postulados dessas autoras e autores, pode-se inferir que as identidades não são fixas e são constituídas por agenciamentos individuais que se articulam dentro de um com-

<sup>4</sup> Ver NUNES, Raul. *Butler vs. Bourdieu: uma batalha no reino das práticas*. 2017. Disponível em: "butler-vs.-bourdieu-raul-nunesdocx.pdf ([blogdolabemus.com](http://blogdolabemus.com))". Acesso em: 27 set. 2024.

plexo sistema simbólico no qual diversos fatores interagem. Logo, as pessoas não apenas são influenciadas por normas, valores e significados que as cercam, mas também participam ativamente da construção de sua própria identidade, visto que as motivações pessoais também influenciam nesse processo. Assim sendo, faz-se necessário evidenciar que as regras e estruturas sociais são determinantes para a construção da identidade, pois são elas que definem as possibilidades e limitações de cada indivíduo.

A transmissão e a perpetuação desse padrão em diversos campos, a exemplo da família, da mídia, da educação, da religião e da política, criam regularidade comportamental. Desse modo, as identidades normativas reforçam exclusões, evidenciando, assim, o poder simbólico, o qual, no contexto das identidades normativas, se manifesta na imposição de padrões sociais e culturais que definem o que é considerado aceitável ou não.

Desse modo, retomando ao conceito de *retroestrutura*, o que pode ser postulado como "retroestrutura LGBTQIAPN+fóbica" descreve o processo de retroalimentação entre discursos estruturais e práticas individuais que perpetuam a hegemonia LGBTQIAPN+fóbica, reconhecendo que ideologias conservadoras, normas rígidas sobre cis-heteronormatividade, essencialismos biologizantes e estigmas de imoralidade e anormalidade moldam as ações cotidianas, bem como reforçam estruturas excludentes, o que garante a continuidade desses discursos, mesmo em contextos de avanço dos direitos civis, como no Brasil.

Diante de tais contextos, contradiscursos de resistência presentes nas narrativas individuais e dos movimentos LGBTQIAPN+, de pesquisas acadêmicas, bem como de apoiadores da causa, ao reivindicarem o orgulho e a visibilidade, confrontam preceitos de vergonha, doença e pecado, dentre outros equívocos associados a essas pessoas. Logo, "[...] nessa arena que esses indivíduos lutam contra o agenciamento negativo de suas subjetividades. A resignificação de ditos injuriosos torna-se pauta comum no quadro das coletividades organizadas LGBT" (Silva; Castro;

Siqueira, 2020, p. 412), subvertendo-os, ao mesmo tempo que confirmam: as identidades dissidentes são legítimas, dignas e devem ser valorizadas.

## 2 A violência simbólica em discursos nas redes sociais acerca de identidades de gênero e sexuais dissidentes

No contexto atual, a globalização tem gerado "mudanças em aspectos íntimos da vida pessoal que estão diretamente ligadas ao estabelecimento de conexões sociais de grande amplitude", fazendo com que, "pela primeira vez na história humana, 'eu' e 'sociedade' estejam inter-relacionados num meio global" (Giddens, 2002, p. 36). Desse modo, o espaço virtual também pode ser considerado dentro do conceito de *campo*, de Bourdieu (1989), a exemplo das redes sociais.

Conforme Gomes (2022, p. 20)

O espaço público digital construído por novas formas de agir e interagir mediadas pelo computador gera nas pessoas uma presunção de anonimato, pois o corpo-sujeito ali não está inscrito fisicamente, como se apresenta em uma relação face a face, o que proporciona a produção de perfil *fake*.

Assim, as redes sociais possibilitam aos indivíduos conectarem-se com outros membros da comunidade e estabelecerem relações em âmbito local e global, permitindo que a cultura e os valores sejam compartilhados e que se participe de diferentes atividades e discussões, inclusive mantendo o anonimato. Como essa interação não ocorre presencialmente, as usuárias se sentem mais à vontade para expressarem suas opiniões intolerantes, corroborando a "negação dos direitos e das razões de tudo que não pode ser assimilado – a deslegitimação do outro" (Bauman, 1999, p. 16).

Logo, nessa forma de interação, podem ser evidenciados incontáveis casos de reprodução do poder simbólico, como ocorre na circulação de ideias e opiniões que são potencialmente prejudiciais para a comunidade LGBTQIAPN+, as quais, inúmeras vezes, configuram-se como discursos de ódio, ameaças de violência e exposição de conteúdo difamatório.

Outra forma de violência contra essas pessoas é evidenciada pela falta de compreensão ou compulsão<sup>5</sup> por não querer compreender as pautas identitárias levantadas pela comunidade, a exemplo da representação identitária da sigla LGBTQIAPN+ e da utilização de pronomes adequados para se referir às múltiplas identidades. De acordo com Bauman, a existência do estranho é radicalmente diferente:

A ele é negado o luxo da presunção e da autocomplacência. A sua existência é opaca, não transparente. O estranho é o seu próprio problema. Sua identidade foi deslegitimada; seu-poder de determinação, de "afinação", foi declarado criminoso na pior das hipóteses e, na melhor, aviltante (1999, p. 86).

Do mesmo modo, nos espaços virtuais, muitas pessoas se utilizam da "liberdade de expressão" para deslegitimar causas sociais, opor-se ao progresso e à mudança real, denominando os discursos que abordam tais pautas como "mimimi" ou "lacrção"<sup>6</sup>, formulações discursivas que descredibilizam e minimizam as pautas levantadas pelos grupos socialmente afetados pela não garantia de direitos.

### 3 Análise de discurso crítica e reações sociodiscursivas verbais como categorias de análise discursiva

Como uma das características da análise de discurso crítica (ADC) proposta por Fairclough (2019), o embasamento na análise discursiva textualmente orientada (ADTO) contribuiu para o entendimento sobre o uso das estruturas linguísticas presentes nos textos como modo de ação sobre o mundo e sobre as pessoas, visto que, por meio da análise de "aspectos gramaticais – vocabulário, construções sintéticas, coesão e coerência – e discursivos, como a argumentação, a retórica, o emprego da modalidade e da negação", essa proposta de análise textual possibilita a "compreensão e interpretação de textos e de sua vinculação a uma determinada formação discursiva" (Magalhães; Martins; Resende, 2017, p. 43).

Tendo isso em vista, para a análise discursiva, foram selecionados e analisados duas publicações e nove comentários realizados em duas páginas do Facebook: Diário Online (DOL) e Quebrando o Tabu. Ambas são definidas como páginas de notícias e são gerenciadas de forma coletiva, bem como possuem um grande alcance de público, como evidenciado no quadro 1.

**Quadro 1** – Informações referentes às páginas de notícias

Página	Categoria	Gerência	Conteúdo	Seguidores
Diário Online DOL <a href="https://www.facebook.com/doldiarioonline">https://www.facebook.com/doldiarioonline</a>	Site de notícias e mídias / Empresa de mídia/notícias	Presidente (1); vice-presidente (1); coordenação do núcleo de mídias digitais (1); <i>social media</i> (9); multimídia (2)	Notícias, esportes, entretenimento e multimídia	710.667
Quebrando O Tabu <a href="https://www.facebook.com/quebrandootabu">https://www.facebook.com/quebrandootabu</a>	Empresa de mídia/notícias	Brasil (17); Estados Unidos (1)	Anúncios sobre temas sociais, eleições ou política	10.622.486

**Fonte:** elaborado pelo autor e pela autora com base em dados do Facebook(2023).

<sup>5</sup> Utiliza-se essa formulação discursiva como referência a uma motivação sobrepujante de oposição à qual algumas pessoas recorrem para não reconhecer outras possibilidades de existência que não se enquadram nos padrões cis-heteronormativos.

<sup>6</sup> Esse termo já foi compreendido como "o ato de se sair bem em uma dada situação como se tal realização fosse o sucesso absoluto que não poderá mais ser questionado por ninguém" (Bittencourt, 2021, p. 215); no entanto, passou a ser utilizado por grupos conservadores para fazer referência de forma desrespeitosa a debates com temáticas sociais.

Apesar de produzirem e divulgarem conteúdos autorais, as notícias selecionadas, as quais abordam discussões sobre a comunidade LGBTQIAPN+, são publicações oriundas de outras fontes, uma vez que o texto utilizado pelo DOL em 2022 já havia sido publicizado em 2021 pela *Folhapress*, agência de notícias do Grupo Folha; além disso, o vídeo publicado pela página Quebrando o Tabu é um recorte de um *podcast* da produtora Dia Estúdio – no entanto, pelo grande número de seguidores, optou-se por analisar os comentários realizados nessas páginas.

A decisão por analisar os comentários selecionados se deu pela necessidade de atender a dois critérios fundamentais: formulações discursivas que abordam a linguagem como fator constituinte da identidade, possibilitando identificar como os discursos são construídos, reproduzidos ou contrariados; e a limitação do espaço, uma vez que a escolha por um *corpus* menor e focado possibilitou a realização de leituras minuciosas e profundidade na análise. Em decorrência do espaço que as capturas de tela ocupariam no corpo do texto, optou-se por transcrever as publicações, o discurso do vídeo<sup>7</sup> e os comentários realizados pelas usuárias do Facebook, mantendo as marcas de expressão, operando-se alguns recortes na expectativa de manter o foco na temática.

Buscando realizar um estudo embasado em fatores linguísticos, foram consideradas as categorias analíticas como “[...] formas e significados textuais associados a maneiras particulares de

representar, de (inter)agir e de identificar(-se) em práticas situadas. Por meio delas, podemos analisar textos buscando mapear conexões entre o discurso e o não discurso, tendo em vista seus efeitos sociais”(Ramalho; Resende, 2011, p. 112). Guiados por essa definição, foram utilizados dois grupos de categorias de reações sociodiscursivas verbais propostas por Gomes (2022).

O primeiro grupo foi utilizado para analisar o modo de interação das **interacts**<sup>8</sup> (todas as pessoas que interagem com a publicação) e das **reacts** (todas as pessoas que interagem com o comentário de outra), as quais, segundo Gomes, podem acontecer de três maneiras:

[...] **reações transacionais** – interactantes e reatores/as comentam entre si assuntos e temas que podem ou não estar vinculados aos textos, estabelecendo a troca sociointerativa;

**reações não transacionais** – interactante comenta (reage aos) assuntos noticiados nos textos jornalísticos, mas sem a troca sociointerativa;

**reações transacionais atitudinais** – interactantes e reactantes reagem às trocas usando citações e falas não só do texto jornalístico, como as de outros/as participantes, de maneira atitudinal (2022, p. 28-29).

Após a identificação do tipo de interação realizada pelas usuárias, foi analisado o teor dos comentários, fazendo uso do segundo grupo de categorias constituído por *reações sociodiscursivas verbais*, as quais, de acordo com Gomes (2022), ocorrem por meio das seis formas distintas apresentadas no quadro 2.

**Quadro 2**– Categorias e conceitos para análise de reações sociodiscursivas verbais

CATEGORIAS	CONCEITOS
Reações sociodiscursivas verbais engajadas	Caracterizam-se pelo nível de comprometimento com o que está sendo dito (refuta, contrapõe, concorda, endossa).
Reações sociodiscursivas verbais de condenação	Relacionam-se de maneira negativa aos julgamentos morais que se associam de alguma forma às instituições legais, refletindo padrões culturais e ideológicos, além das experiências individuais(julgam moralmente comportamentos e condutas).

<sup>7</sup> O vídeo foi transcrito, a partir da escuta atenta, considerando apenas os elementos textuais.

<sup>8</sup> Termos que fazem referência a interactante e reactante, como utilizado na proposta de Gomes (2022).

Reações sociodiscursivas verbais de admiração	Vinculam-se também às manifestações que julgam positivamente as condutas sociais de consideração, respeito e estima realizadas por meio de atributos, advérbios de comentário e epítetos positivos (julgam positivamente as condutas sociais).
Reações sociodiscursivas verbais de crítica	São manifestações que criticam comportamentos não usuais, incapazes e não confiáveis. Realizam-se também mediante atributos, formas adverbiais, modalidades e epítetos (julgam negativamente as condutas sociais).
Reações sociodiscursivas verbais de aprovação	Associam-se, como as reações de condenação, aos valores morais, aos padrões socioculturais e ideológicos produzidos, principalmente, pelas instituições sociais (elogiam comportamentos e condutas morais).
Reações sociodiscursivas verbais de apreciação	São manifestações afetivas relativas à estética, ao valor das coisas, dos objetos, aos processos e ao estado de coisas; referem-se ao tipo de apresentação, mas também ao impacto, ou seja, avaliam-se e apreciam-se discursivamente as propriedades (avaliam qualidades estéticas).

**Fonte:** elaborado pelo autor e pela autora, em adaptação de Gomes (2022).

Fazendo uso dessas categorias, foi possível analisar as sociointerações construídas no espaço digital enfatizando “produção, reprodução ou superação de desigualdades ou relações de dominação” (Magalhães; Martins; Resende, 2017, p. 52) presentes nas práticas discursivas, as quais, de acordo com Fairclough (2019, p. 37), são formas de representação, de ação e de identificação, que contribuem para exclusões ou para mudanças sociais.

4 Representações sociodiscursivas em comentários de usuárias do Facebook acerca das identidades da comunidade LGBTQIAPN+


O primeiro *corpus* de análise foi extraído de uma publicação da página Diário Online DOL, realizada no dia 28 de junho de 2022, em alusão ao Dia do Orgulho Internacional LGBTQIA+, que é celebrado anualmente nessa data. Tal publicação, de acordo com o texto, justifica-se pelo fato de que “a dúvida de muita gente se concentra na ‘sopa de letrinhas’ que não para de crescer”.

(1) [...] A evolução da sigla para designar diversas minorias sexuais e de gênero

é uma resposta ao tamanho do espectro e das demandas da comunidade composta por **lésbicas, gays, bissexuais, travestis, trans, queers, pansexuais, gêneros, pessoas não binárias e Intersexo** por mais visibilidade.

[...]

Na primeira sigla, **GLS, o “S” representava os simpatizantes, pessoas aliadas à causa LGBTQIA+. Mas logo o acrônimo se mostrou ultrapassado e excludente porque deixava de fora as demais identidades.**

Por isso os estagiários preparam um post mostrando o significado de cada sigla, aprenda, marque o amigo e não esqueça: celebre a diversidade!  (Diário Online DOL, 2022, grifos nossos).

No *post* são apresentadas, com o uso de texto e de imagens (imagem 1), conceituações sobre as diferentes letras que compõem a sigla LGBTQIA+, bem como informações sobre mudanças respectivas.



**Imagem 1**– Captura de tela dos posts com as conceituações de cada signo da sigla LGBTQIA+



Fonte: página Diário Online DOL (Facebook, 2022).

Na publicação em questão, até o momento desta pesquisa, foram realizados 252 comentários por usuárias do Facebook. Aqui foram analisados seis desses comentários. Os dois primeiros fazem menção à sigla "GLS", a qual é mencionada no texto como tendo sido a primeira a representar a comunidade, mas atualmente é considerada ultrapassada devido à exclusão das demais identidades.

(2) **Interact1:** Ainda continuo falando "GLS" pra irritar os lacradores! Próxima pauta.



**React1:** Interact1, eu tbm! 🤔 (Diário Online DOL, 2022, grifos nossos).

Diante desses comentários, evidencia-se a ocorrência de *reações sociodiscursivas engajadas*, visto que a **Interact1**, ao se referir ao texto (*reação não transacional*), mediante a utilização do advérbio de tempo "ainda", afirmando que continua utilizando a sigla "GLS", *contrapõe* o discurso do texto de que essa sigla não contempla as múltiplas identidades que compõem a comunidade; o mesmo ocorre com a **React1** que, por intermédio de *reação transacional*, interage *concordando* com a **Interact1**.

Cabe destacar que a intenção dessas usuárias ao utilizarem da sigla em desuso é uma forma de violência simbólica, uma vez que desconsidera os demais atores sociais que fazem parte da

comunidade LGBTQIAPN+. Desse modo, mesmo diante das justificativas apresentadas no texto para a discussão desse assunto, a **Interact1** utiliza a formulação discursiva "lacradores" como uma *reação sociodiscursiva de crítica*, ao julgar negativamente a conduta de quem, por meio de problematizações e posicionamentos, coloca-se a favor das causas sociais e se opõe à existência ordenada. Segundo Bauman (1999, p. 15), os que se opõem ao sistema imposto se tornam "algo em que não se deve confiar e que não deve ser deixado por sua própria conta – algo a ser *dominado, subordinado, remodelado* de forma a se reajustar às necessidades humanas. Algo a ser reprimido, refreado e contido".

Ademais, ao concluir o comentário com a sentença "próxima pauta", a **Interact1** demonstra não ter interesse em seguir dialogando sobre as mudanças na sigla e que esse é um assunto encerrado, pois não pretende mudar de opinião; logo, seguirá perpetuando termos em desuso que não atendem às demandas plurais e, assim, reforçando exclusão e marginalização. Ao se retirar da discussão, acentua o posicionamento excludente e de não abertura à discussão da pauta de gênero, mantendo-se, deliberadamente, sob a égide do discurso hegemônico acerca do tema.

Em outro comentário, o qual ocorre via *reação verbal não transacional*, a **Interact2** também se refere à sigla de forma pejorativa e desencadeia

trocas discursivas engajadas entre usuárias. O debate tem enfoque na utilização do gênero feminino como ofensa, debates sobre orgulho da comunidade LGBTQIAPN+ e de pessoas heterossexuais:

(3) **Interact2**: Eu sempre lembro da minha TV e os chamo de: **LGTVHDMI+** É a **mesma bosta!**

**React2**: Interact2 ESSA TUA CARA NÃO NEGA, **AFEMINADÍSSIMA**, JÁ DEVE TER TENTADO MAS NÃO AGUENTOU NÉ **PRINCESA** (Diário Online DOL, 2022, grifos nossos).

No comentário da **Interact2**, pela comparação com a marca de um aparelho televisivo como epíteto e pelo teor da negatividade com que se refere à sigla ao determinar que "é a mesma bosta", ocorre a *reação sociodiscursiva de crítica*. Em decorrência desse comentário, no qual são evidenciados outros aspectos que apontam LGBTQIAPN+fobia estruturada, destacamos que a **React2** se expressa mediante *reação transacional atitudinal*, na qual ocorre *reação sociodiscursiva de condenação*, ao utilizar a adjetivação "afeminadíssima" e o sinônimo feminino "princesa" para acentuar padrões culturais e ideológicos de que características femininas inferiorizam a masculinidade, pois, diante do conceito de dominação masculina, "a exaltação dos valores masculinos tem sua contrapartida tenebrosa nos medos e nas angústias que a feminilidade suscita - frágeis e princípios de fraqueza enquanto encarnações da *vulnerabilidade* da honra [...] (Bourdieu, 1995, p. 157); logo, possuir características femininas o torna menos viril, conseqüentemente, menos homem.

Em oposição às condenações proferidas pela **React2**, no discurso da **React3** é evidenciada a *reação transacional atitudinal*, visto que esta se refere ao comentário anterior recorrendo a julgamentos negativos:

(4) **React3**: React2 **Pq pra vc todo homem é yag tbm???** Vi teus comentários **querendo usar do genero como ofensa, e ser não é ofensa.**

E mais, acho que vc precisa aprender a respeitar tão quanto os outros.

**Se vc se orgulhar em ser LGBT, deixa o povo tbm se orgulhar em ser hetero** pow. Cada um com seu orgulho, cada um se veste como quer, usa o que quer, sem desmerecer como vc faz juntamente com os outros.

A falta de respeito é de todos os 2 lados!! Preconceito é dos 2 lados tbm...

Estudar e aprofundar conhecimento poucos realmente tem (Diário Online DOL, 2022, grifos nossos).

Diante do exposto, verificam-se inúmeras ocorrências de *reações sociodiscursivas de crítica*, uma vez que em "Pq pra vc todo homem é yag<sup>9</sup> tbm?" a **React3** relaciona os termos femininos do comentário da **React2** à orientação homossexual, fazendo uso do neologismo "yag" (o qual é um anagrama da palavra "gay") e em "querendo usar do genero como ofensa, e ser não é ofensa" critica a atitude da **React2** por utilizar por utilizar formulações discursivas relacionadas ao campo semântico feminino (afeminada e princesa) como uma forma pejorativa para qualificar a **Interact2**.

Destaca-se ainda que, no decorrer do comentário, ao proferir que "se vc se orgulharem ser LGBT, deixa o povo tbm se orgulhar em ser hetero", a **React3**, por meio de *reação sociodiscursiva de engajamento*, contrapõe equiparando as vivências de pessoas *queer* às de pessoas heterossexuais, no entanto, devido à utilização da conjunção "se", ressalta o fato de que pessoas que fazem parte da comunidade LGBTQIAPN+ podem não sentir orgulho, mas se sentirem devem "tbm" (também) reconhecer o orgulho heterossexual, o que evidencia no discurso da **React3** a incompreensão dos processos históricos de violências e exclusões sofridas por apenas um desses grupos. De fato, o comentário da **React2** pode ser configurado como desrespeitoso e preconceituoso, porém não em relação à cis-heterossexualidade, mas, sim, a um padrão de masculinidade relacionada à virilidade.

Quanto ao apoio da **React3** à **Interact2**, em relação ao orgulho heterossexual, cabe ponderar que, mesmo que as todas as expressões de sexualidades devam ser consideradas com equidade,

<sup>9</sup> Devido ao alto índice de casos em que o termo *gay* foi utilizado no âmbito digital como ofensa, as plataformas e redes sociais passaram a limitar a difusão ou até mesmo bloquear conteúdos que utilizem o termo. Desse modo, as usuárias passaram a driblar a censura de conteúdos LGBTQIAPN+ "criando outras linguagens que, por enquanto, não sofrem análise técnica e discriminatória automática, como é o caso de YAG (*gay* ao contrário)" (Viana, 2020).

como categoria política, a heterossexualidade tem sido historicamente privilegiada e considerada a norma dominante na sociedade, assim, a dispensabilidade de que pessoas heterossexuais se orgulhem é um reflexo desse privilégio, visto que os discursos de orgulho LGBTQIAPN+ surgem como uma forma de combater a marginalização e a discriminação enfrentadas pelas minorias dissidentes de gênero/orientação sexual.

Desse modo, ao defender a necessidade de que a heterossexualidade seja considerada com orgulho evidencia que "os grupos bem arraigados e centrados em si mesmos inflaram suas opiniões estreitas a proporções ostensivamente universais com a ajuda de coerções de pensamento e a exclusão dos dissidentes" (Bauman, 1999, p. 94), logo, equiparar tais pautas reforça ainda mais o privilégio de um grupo socialmente aceito e invisibiliza os grupos historicamente oprimidos.

A segunda parte do *corpus* de análise é uma publicação da página Quebrando O Tabu realizada no dia 29 de novembro de 2022. Por meio de um vídeo de 40 segundos, o qual é recorte de um vídeo em formato de *podcast*, em diálogo mediado pelo comentário de alguém que acompanha o programa, discorre-se sobre as inúmeras formas de ser e expressar a não binariedade<sup>10</sup> de gênero. Para possibilitar a análise, realizamos a transcrição do vídeo que, até o momento desta pesquisa, ultrapassava 25 mil visualizações:

(5) -"Esses dias tava pensando que desde **pequeno** eu ficava vendo personagens que tinham **poderes de metamorfose...**" - acho que é isso - "e era o que eu mais queria, porque **assim eu poderia ser mulher quando eu quisesse.**" - Olha que doideira!

-Existe o **gênero fluido** que tá dentro da não binariedade também, que é a pessoa que transita entre, né? Ora um, ora outro e tem essa fluidez, né? Então **existem várias formas de não binariedade**, né? **Tem gente que tá fora desse espectro e também não se enxerga nem como um nem como o outro, como uma terceira coisa, como Agênero.** Então, tem várias possibilidades. O mais importante é conversar com as pessoas que são não binárias, ter amigos não binários (Quebrando O Tabu, 2022, grifos nossos).

A problematização realizada nesse diálogo evidencia como a construção da identidade é um processo gradual e contínuo, em desacordo com padrões binários estabelecidos, nesse caso, desvinculando-se inclusive do binarismo hétero-homossexual. Devido a essa extrema ruptura de padrões, a não binariedade pode ser compreendida mediante o conceito de *performatividade* de Butler (2010, p. 201):

O fato de a realidade do gênero ser criada mediante *performances* sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade e feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter *performativo* do gênero e as possibilidades *performativas* de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculina e da heterossexualidade compulsória.

Nesse sentido, as identidades dissidentes e indefinidas, sob o espectro da não binariedade, desestabilizam as normas e as práticas sociais devido à fluidez, incluindo a linguagem, como evidenciado no comentário da **Interact3**.

(6) **Interact3**: É **mta confusão** p as pessoas entenderem. Acho q eles, elas, elus, elis... Não sei q termo usar p não ofender. Vou **ter q ofender a língua portuguesa, pra não ser processada.** Enfim..**deveriam entender** q pra mtos é confusão. **Respeito, mas não entendo. Um gênero masculino, q se veste de mulher, mas não se encaixa em nenhum dos gêneros?** (Quebrando O Tabu, 2022, grifos nossos).

Desse modo, mediada por *reação não transacional*, a **Interact3** comenta sua percepção sobre o conteúdo. Assim, ao utilizar-se a expressão "mta confusão", evidencia-se uma *apreciação* negativa, pois categoriza como complexo o entendimento da existência de identidades dissidentes que não se encaixam no padrão moral e cultural de binarismo de gênero, evidenciando assim o quanto a formação social "[...] é toda orientada para a produção de pessoas heterossexuais, para que corpos com vagina sejam mulheres e corpos com pênis sejam homens. Mulheres e homens heterossexuais, é sempre bom frisar, dentro de

<sup>10</sup> Diante dos conceitos identitários, a não binariedade refere-se "[...] a não conformidade com o binário homem ou mulher, podendo ser os dois ou nenhum ou outros gêneros ou ainda fluir entre alguns deles. Não tendo também relação com orientação sexual, podendo ser variada entre cada indivíduo independente de sua identificação" (Lima, 2020, p. 172).

um script muito específico e reduzido" (Colling, 2020, p. 123), bem como que os corpos que fogem à norma "devem ser transformados em tabu, desarmados, suprimidos, física ou mentalmente exilados – ou o mundo pode perecer" (Bauman, 1999, p. 68).

Ademais, ao fazer uso da sentença "ter q ofender a língua portuguesa, pra não ser processada", realiza uma *crítica*, ao julgar negativamente o fato de que usar outros pronomes deturpa as normas da gramática, sendo um erro a ser cometido para não receber um julgamento maior, o que evidencia a ambivalência da situação, na qual

[...] os instrumentos linguísticos de estruturação se mostram inadequados; ou a situação não pertence a qualquer das classes lingüisticamente discriminadas ou recai em várias classes ao mesmo tempo. Nenhum dos padrões aprendidos poderia ser adequado numa situação ambivalente — ou mais de um padrão poderia ser aplicado; seja qual for o caso, o resultado é uma sensação de indecisão, de irresolução e, portanto, de perda de controle (Bauman, 1999, p. 10)

Tais inadequação e indecisão ocorrem cotidianamente, pois, assim como as identidades, a língua passa por constantes transformações; desse modo, evidencia-se "a urgência em trazer à tona discussões sobre gênero para dentro da linguagem e como ela se dá" (Lau, 2019, p. 94), como ocorre nas discussões acerca da linguagem não binária defendida por uma parcela da comunidade LGBTQIAPN+ e por linguistas que compreendem que esta é uma forma de reconhecimento e representatividade dessas identidades.

De acordo com Lau (2017), a forma pronominal mais comum que pessoas não binárias utilizam para se referirem, em Língua Portuguesa, é o "elu". Este é apenas um dos elementos da linguagem neutra, a qual busca, assim como ocorreu na demanda das mulheres pela utilização do pronome "ela", incluir pessoas não binárias na linguagem, uma vez que não se reconhecem, por exemplo, na "neutralidade" do pronome "eles". Sem dúvida, tal empreitada configura-se como um ato político que se aparta do conceito de *neutralidade ideológica*, pois, assim como no recorrente pronome "eles", há posicionamento.

Destaca-se ainda uma *crítica* na intenção da **Interact3** de responsabilizar as pessoas que requerem novas formas de serem referenciadas como as que "deveriam entender" que buscar essas mudanças é algo complexo demais e que, portanto, são as culpadas por gerar essa confusão, o que se confirma ao afirmar respeitar, mas não entender, revelando que elementos do comportamento da não binariedade são incompreensíveis ou, ainda, irracionais (portanto, desarraigados de humanidade), utilizando-se novamente de *apreciação*, uma vez que realiza uma manifestação afetiva de "respeito" e em seguida avalia a situação como incompreensível, evidenciando uma falta de disposição em se educar e se envolver ativamente ou, inclusive, de legitimar uma racionalidade outra, distinta da sua.

Diante desse contexto, é crucial ir além do mero respeito para buscar compreender as experiências e os desafios enfrentados por essas identidades de pessoas LGBTQIAPN+. A falta de compreensão pode ser resultado, no melhor dos casos, de privilégios sociais que blindam das experiências adversas vivenciadas por pessoas não binárias ou da falta de exposição a perspectivas diversas.

Esse desconhecimento das experiências LGBTQIAPN+ pode levar a equívocos, generalizações e perpetuação de estereótipos negativos, como expresso pela **Interact3**, mediante *crítica*, pois, ao questionar "um gênero masculino, q se veste de mulher, mas não se encaixa em nenhum dos gêneros?", postula tal comportamento não usual como improvável e não confiável, evidenciando uma percepção do aspecto social da estruturação de gênero cristalizada no binarismo que considera como incompreensível o fato de que, por exemplo, alguém que utiliza vestimentas entendidas femininas não tenha a intenção de ser mulher.

Diante da condução do comentário recorrendo a *apreciações* na intenção de demonstrar que se empenha em compreender aspectos da causa e de *críticas* negativas que estão em desacordo com uma busca por entendimento, evidencia-se que a **Interact3** tenta construir sua

percepção por várias construções discursivas na expectativa de camuflar o preconceito acerca da diversidade de identidades de gênero, mas, na constituição global, se expressa por meio de *reação sociodiscursiva de condenação*, uma vez que seu comentário reflete padrões culturais e ideológicos que se opõem às condutas da não binariedade.

Em outro comentário referente à não binariedade, a **Interact4**, via *reação transacional*, busca interagir com outras usuárias, utilizando o substantivo "gente" como vocativo:

- (7) **Interact4: Genteeee**, não entendo nada desse **papo**. Não sei o que é binário não binário, **poderiam me explicar?** Aliás, **pra quê rotular tudo? Não somos caixinhas de remédio!!!** Desculpem!!! (Quebrando O Tabu, 2022, grifos nossos).

Ao utilizar o termo "papo", o qual pode ser entendido como uma conversa sem fundamento ou banal, a **Interact4** destaca não entender sobre o assunto, bem como utiliza o verbo "rotular" para questionar negativamente a necessidade social de nomeação/classificação para a compreensão das identidades; desse modo, configura-se como uma *reação sociodiscursiva de crítica*. Em contraposição à **Interact4**, Appiah (2016, p. 18) defende que "as identidades sociais dependem de rótulos para sua existência as pessoas reagem aos outros e pensam sobre si mesmas por meio desses rótulos".

Em resposta, a **React4**, a qual ressalta a necessidade de classificar para que as pessoas se entendam individual e coletivamente:

- (8) **React4:** Interact4 Não binárias são pessoas que não se identificam exclusivamente como homem nem como mulher. Eu, por exemplo, nunca me senti parte de nenhum "**grupo**". Nunca senti que eu era menina, mas também nunca me senti como menino. **Parece confuso, mas é simples**, sou agênero, eu não me sinto nem um nem outro. O ser humano tem necessidade de **classificar** e até mesmo **se encaixar** em algo. É uma forma de saber que existem **outras pessoas como nós por aí** (Quebrando O Tabu, 2022, grifos nossos).

Assim, mediante *reação transacional atitudinal*, a **React4**, a partir da sua experiência, explica didaticamente como pessoas não binárias se sentem em relação a padrões de gênero. Devido

ao uso das aspas quando se refere a *grupo*, a **React4** evidencia, via *apreciação*, reconhecer que a coletivização não está relacionada a agrupamento, mas ao entendimento de que partilham fatores identitários.

Ao utilizar o adjetivo "simples" posiciona-se de maneira positiva sobre a necessidade de nomear suas identidades para se reconhecerem como parte de uma coletividade, o que ocorre, segundo Bauman (2003), pelo fato de que as identidades evidenciem as diferenças e singularidades e por isso geram separações; logo,

[...] a vulnerabilidade das identidades individuais e a precariedade da solitária construção da identidade levam os construtores da identidade a procurar cabides em que possam, em conjunto, pendurar seus medos e ansiedades individualmente experimentados e depois disso, realizar ritos de exorcismo em companhia de outros indivíduos também assustados e ansiosos (Bauman, 2003, p. 21).

Desse modo, fazendo uso de *apreciações* positivas, o comentário da **React4** evidencia, gradativamente, a ocorrência, no contexto global, da *reação sociodiscursiva de engajamento*, visto que concorda com a discussão do vídeo em relação à fluidez das identidades e refuta a fala da **Interact4**, uma vez que compreende a conduta social relacionada à necessidade que as pessoas têm de se "classificar" para se "encaixar", bem como para se compreenderem e, mesmo diante das singularidades, terem consciência da existência de seus pares e, nas palavras dela, "saber que existem outras pessoas como nós por aí", gerando a reflexão de que as identidades de gênero não são invenções, mas uma necessidade humana no sentido de se reconhecer dentro de uma coletividade.

Diante do contexto de que as identidades coletivas são vistas como algo negativo, de acordo com Appiah (2016, p. 26), uma forma de reconhecimento buscada pelos sujeitos

[...] implica ver essas identidades coletivas não como fontes de limitação e insulto, mas como partes valiosas de quem eles são. E, uma vez que uma ética moderna da autenticidade requer que exprimamos quem somos essencialmente, os detentores dessas identidades avançam ao exigir que a sociedade os reco-

nheça [...] e façam o trabalho cultural necessário para resistir aos estereótipos, desafiar os insultos e eliminar as restrições.

Nesse sentido, compreende-se a importância da aberta expressão da identidade LGBTQIAPN+ como uma forma de desafiar os insultos, eliminar as restrições, promover a diversidade, desconstruir estereótipos prejudiciais e contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva, que aprecie, de forma mais ampla, a rica e variada experiência humana.

Diante das análises desses excertos, foi possível a observação de determinadas perspectivas que norteiam os comentários como *contradiscurso hegemônico opacizado* – discurso de ódio que pode ou não gerar efeitos causais – presente nas formulações discursivas da Interact1 e da Interact2, ao se referirem à temática de forma pejorativa; *contradiscurso pseudoneutro* – mais ou menos agressivo –, como ocorre no comentário da React3 ao criticar comentários que pressupõem ativismo mas transparecem homofobia, e em seguida defender o orgulho heterossexual equiparando-o ao orgulho LGBTQIAPN+, e no da Interact3 ao proferir que respeita mas culpabilizar as pessoas trans não binárias por gerar divergências ao não seguir às normas; e *contradiscurso de resistência* – reconhecimento e identificação –, o que se evidencia no comentário da React4 ao buscar, de forma didática, explicar as vivências das pessoas não binárias.

Os comportamentos linguísticos evidenciados como *contradisursos hegemônicos opacizados* e *contradiscurso pseudoneutro* são formas de não ocultação do discurso hegemônico que retroestrutura a LGBTQIAPN+fobia, visto que se constituem como estratégias implícitas que não deixam transparecer manifestações de oposição a um contradiscurso em defesa das dissidências.

É importante destacar, ainda, que um diálogo aberto e respeitoso como evidenciado nos *contradisursos de resistência* do vídeo e no comentário da React4, bem como a escuta ativa, é fundamental para o processo de disseminação de informações necessárias para a ampliação da compreensão e valorização das identidades

que fazem parte da comunidade LGBTQIAPN+, pois, se alguém se torna consciente de que um determinado aspecto do senso comum sustenta desigualdades de poder, esse aspecto deixa de ser senso comum e pode perder a potencialidade de funcionar ideologicamente (Fairclough, 1989, p. 85).

### Considerações finais

As análises de representações sociodiscursivas verbais acerca das identidades da comunidade LGBTQIAPN+ evidenciadas em alguns comentários realizados por usuárias em publicações das páginas Diário Online DOL e Quebrando O Tabu no Facebook possibilitaram a identificação de que estas ocorrem de forma mais expressiva por meio de críticas, condenações e engajamento, o que demonstra, dentre outras tensões, as percepções dessas interactantes e reactantes sobre os processos de construção das identidades que não estejam vinculados a padrões hegemônicos binários.

Outro ponto importante identificado a partir das análises – ainda que em um contexto global tenham-se evidenciado *representações sociodiscursivas verbais* específicas – é o modo como algumas reações se constroem de forma mista, combinando mais de uma reação em um mesmo excerto, a exemplo do que ocorre em (2), (3), (4) e (6), o que evidencia que os movimentos discursivos dentro da reação, como um todo, constituem-se por partes e não ocorrem de forma homogênea e específica.

As reflexões sobre as construções discursivas também evidenciam que a linguagem é um dos componentes das identidades atravessado por mecanismos de poder simbólico, o que ocorre com a utilização de termos ofensivos que visam deslegitimar vivências e pautas identitárias da comunidade LGBTQIAPN+, bem como pela estruturação binária voltada às normas de gênero acerca do que é masculino e feminino, as quais geram exclusões, visto que não contemplam pessoas que não se identificam por essa dicotomia.

A partir da verificação de quais fatores sociais estão atrelados a essas práticas discursivas,

compreende-se que as redes sociais, a exemplo do Facebook, são ambientes/campos que possibilitam aos usuários potencializarem percepções, ideologias e representações de suas experiências sobre o mundo, o que, de modo geral, tem ocorrido por intermédio de tensionamentos antagônicos, os quais, em algum nível, geram mudanças discursivas e, conseqüentemente, mudanças sociais, as quais se espera que contemplem todas as formas de ser e viver no mundo.

## Referências

- APPIAH, Kame Anthony. Identidade como problema. In: SALLUM JR., Brasília; SCHWARCZ, Lilia M.; VIDAL, Diana; CATANI, Afrânio(org.). *Identidades*. São Paulo: Edusp, 2016.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BITTENCOURT, Renato Nunes. Moralidade líquida, la-cração e cultura do cancelamento. *Cadernos Zygmunt Bauman*, São Luís, v. 11, n. 27, 2021.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. *Meditações pascalianas*. Tradução de Sergio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 324 p.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- COLLING, Leandro. Como pode a mídia ajudar na luta pelo respeito à diversidade sexual e de gênero? In: PELÚCIO, Larissa; SOUZA, Luís Antônio Francisco de; MAGALHÃES, Bóris Ribeiro de; SABATINE, Tiago Teixeira (org.). *Olhares plurais para o cotidiano: gênero, sexualidade e mídia*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 109-128.
- DIÁRIO ONLINE DOL. *O que significam as letras da sigla LGBTQIA+*. Facebook, 20 jun. 2022. Disponível em: <https://www.facebook.com/103494018683362/posts/pfbid07HQxpjhvjDjRXrZ3bYvZ2w5nL4jS6hNwnW4CBj-LHCW1PJ6TTZNtsEeQHPPXeeaGml/?mibextid=Nif5oz>. Acesso em: 29 nov. 2022.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Language and power*. London: Longman, 1989.
- FAIRCLOUGH, Norman. Análise crítica do discurso como raciocínio dialético: crítica, explanação e ação. Tradução de Maycon Silva Aguiar. *Policromias*, Rio de Janeiro, ano IV, dez. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/29970>. Acesso em: 20 fev. 2023.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GOMES, Maria Carmen Aires. Estudo das reações sociodiscursivas verbais em ambientes de interação virtual. In: RESENDE, Viviane de Melo; ARAÚJO, Carolina Lopes; REGIS, Jacqueline Fiuza da S. (org.). *Discurso, política e direitos: por uma análise de discurso comprometida*. Brasília: Universidade de Brasília, 2022.
- LAU, Héilton Diego. A linguagem não-binária na língua portuguesa: possibilidades e reflexões making herstory. *Revista X*, Curitiba, v. 14, n. 4, p. 87-106, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/revistax/article/view/66071>. Acesso em: 20 jan. 2023.
- LAU, Héilton Diego. Ouso da linguagem neutra como visibilidade e inclusão para pessoas trans não-binárias na língua portuguesa: a voz "del@s" ou "delxs"? não! a voz "delus"! In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL EM EDUCAÇÃO SEXUAL, 2017. Disponível em: <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2017/3112.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2023.
- LIMA, Helen T. Não-binariedade: uma saída da colonialidade de poder-saber-ser e de gênero. *Revista Seara Filosófica*, Pelotas, n. 21, p. 170-184, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/searafilosofica/article/view/20053>. Acesso em: 20 jan. 2023.
- LOURO, Guacira L. *Os Estudos Queer e a Educação no Brasil: articulações, tensões, resistências*. *Contemporânea*, v. 2, n. 2, jul./dez. 2012. Dossiê Saberes Subalternos, p. 363-369.
- MAGALHÃES, Izabel; MARTINS, André Ricardo; RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa*. Brasília: Universidade de Brasília, 2017.
- QUEBRANDO O TABU. *São muitas as formas de ser e expressar a não binariedade*. Facebook, 29 nov. 2022. Disponível em: <https://www.facebook.com/quebrandoootabu/videos/490566799835590>. Acesso em: 9 dez. 2022.
- RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de M. *Análise de discurso (para a) crítica*. São Paulo: Pontes, 2011.
- SILVA, Danuzio Weliton G.; CASTRO, Gustavo Henrique C.; SIQUEIRA, Marcus Vinicius S. Discurso LGBTQfóbico no ciberespaço do sertão pernambucano: discriminação e resistência. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 403-429, 2020. DOI: 10.19132/1808-5245271.403-429. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/101386>. Acesso em: 5 out. 2024.
- VIANA, Fabrício. *O que significa Yag? O que significa Poc? Usado nas redes sociais?* Blog do Fabrício Viana, 19 jun. 2020. Disponível em: <https://fabricioviana.com/o-que-significa-yag-o-que-significa-poc-usado-nas-redes-sociais/>. Acesso em: 6 fev. 2023.

---

### **José Wilker Machado Quaresma**

Graduado em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará *Campus* Abaetetuba (2018). Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Cidades Territórios e Identidades da Universidade Federal do Pará *Campus* Abaetetuba. Pesquisador do Grupo Discurso e Relações de Poder (DIRE). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

---

### **Rosângela do Socorro Nogueira de Sousa**

Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (2016). Líder do Grupo de Pesquisa Discurso e Relações de Poder (DIRE). Docente no Programa de Pós-Graduação em Cidades Territórios e Identidades da Universidade Federal do Pará *Campus* Abaetetuba. Professora de Linguística na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará *Campus* Bragança.

---

### **Endereço para correspondência**

#### **JOSÉ WILKER MACHADO QUARESMA**

Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios e Identidades

Universidade Federal do Pará *Campus* Abaetetuba

Rua Manoel de Abreu, s/n – Mutirão, 68440-000

Abaetetuba, Pará, Brasil

#### **ROSÂNGELA DO SOCORRO NOGUEIRA DE SOUSA**

Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios e Identidades

Universidade Federal do Pará *Campus* Abaetetuba

Rua Manoel de Abreu, s/n – Mutirão, 68440-000

Abaetetuba, Pará, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.*